Nota de Apresentação

Para o presente número 130 da Bracara Augusta, *o primeiro do ano de 2022, selecionámos artigos de natureza vária, mas todos eles com referências explícias ou implícitas à cidade de Braga, como sempre temos procurado fazer.*

Na continuação do extenso ensaio apresentado, no anterior número, por Franquelim Neiva Soares, sobre as Visitações de Sant'iago da Sé (1619-1725), temos agora um novo estudo que se debruça apenas sobre cinco das visitas que fez D. Rodrigo de Moura Teles ao Cabido da Sé Catedral, a São Vítor, a São Tiago da Sé, a São Miguel da Apúlia e a São Tiago de Arcozelo. Numa síntese destas cinco visitações, podemos afirmar que as grandes preocupações do arcebispo eram, naturalmente, de ordem pastoral, mas também com o culto e ofício divinos, em geral, e especialmente o culto eucarístico. É também flagrante a quase obsessão com a limpeza dos templos, dos altares e dos paramentos. Também ressalta o grande cuidado com o restauro e conservação das igrejas. Não é por acaso que a D. Rodrigo se devem alguns dos mais importantes monumentos da cidade de Braga, criados de raiz ou que foram objeto de profundas remodelações.

Publicamos dois estudos cujas temáticas não têm sido desenvolvidas nestas páginas com a frequência que mereciam. Referimo-nos aos artigos que tratam de atividade teatral e de produção literária. Temos, no primeiro caso, o ensaio de Florêncio Gonçalves "Memórias do teatro, para a história de Mire de Tibães". O trabalho resulta de uma iniciativa do Grupo de Amigos do Mosteiro de Tibães, com o qual a revista Bracara Augusta *continua a manter relações de profícua colaboração, que decidiu investigar a atividade teatral amadora em Mire de Tibães, durante o século XX. Ficaremos, por certo, surpreendidos com o número de instituições que se dedicou, ainda que só ocasionalmente, à atividade dramática. Isso revela bem o fascínio que o teatro exercia nas comunidades. Mas para além das instituições e do nome dos textos representados, recordam-se muito justamente as pessoas*

que contribuiram para que as peças fossem levadas ao palco: atores, encenadores, pintores de cenários, figurinos, técnicos de luz e de carpintaria, músicos, bem como a imprescindível divulgação entregue aos responsáveis pela produção gráfica. Não poderemos esquecer que o teatro é porventura a linguagem artística mais comunitária, no sentido de só poder concretizar-se mediante a colaboração de numerosas outras artes e pessoas. Julgamos este trabalho de muito interesse porque recupera a memória cultural de uma determinada comunidade. Julgamos que bem poderá servir de exemplo para outras investigações noutras comunidades.

Quanto à produção literária, decidimos recuperar, para memória futura, os escassos poemas identificados como de Jerónimo da Mota, abade de Mujães, que nasceu em Barcelos, em 1637, e morreu em Mujães, em 1711. Para além de aqui se publicarem, pela primeira vez, uma décima e um belo soneto ao rio Lima, decidimos trazer também a estas páginas um poema laudatório ao tratado Instrução de Cavalaria de Brida (1679), *de António Pereira Rego, um belo romance a Santo António já por nós publicado no Suplemento Cultura do* Diário do Minho *e, principalmente, o extenso poema em 52 oitavas sobre a visita que fez a Barcelos o arcebispo de Braga D. João de Sousa, a fim de ministrar o sacramento do crisma, poema igualmente já por nós dado a conhecer no mesmo Suplemento Cultura do* Diário do Minho *de 23.5.2012. Jerónimo da Mota revela-se um poeta de valor, de feliz inspiração, muito culto e com bom domínio técnico do verso, embora não possa equiparar-se, até pela escassa produção poética conhecida, aos maiores seus contemporâneos. Achámos, contudo, que deveríamos dar a conhecer, principalmente, um poema que tem como personagem central um arcebispo de Braga e cuja ação decorre na cidade de Barcelos.*

Eduardo Pires Oliveira publica "Algumas aproximações entre o Minho e Minas Gerais no século XVIII". Continuando os seus importantess estudos sobre a presença de artistas bracarenses e minhotos naquela região brasileira, no séc. XVIII, refere no seu artigo as influências que eles tiveram na construção do santuário do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas. Chama a atenção para o facto de Miryam Ribeiro de Oliveira, uma das mais prestigiadas investigadoras da arte barroca, ter vindo a Portugal procurar as fontes primárias do barroco mineiro precisamente na região de Entre-Douro-e-Minho. Recorda, a propósio, a influência dos hábitos minhotos nos costumes de Minas, influência revelada, por exemplo, nas confrarias, nas festas religiosas, na música popular, na culinária, ou na

tipologia das casas (Mariana, Ouro Preto, Tiradentes, Diamantina, S. João del Rei).

A partir do Arquivo Sousa Lobato, encontrado recentemente em Braga, num imóvel familiar, Margarida Lobato Costa estuda a genalogia da família e o papel que teve no ambiente das elites cortesãs portuguesas desde o último quartel do séc. XVIII até ao início do séc. XX. O acervo arquivístico é composto, no essencial, por documentos oficiais de mercês régias (alvarás, cartas, portarias e decretos) referentes a nomeações para cargos palatinos, atribuições de qualificações honoríficas em Ordens Religiosas e Militares, concessões de direitos (senhorios, terrenos agrícolas) e ao exercício de funções nas instituições oficiais do Reino (alfândegas, ouvidorias de Comarcas) e ainda documentos relativos às propriedades concedidas e alguma correspondência epistolar, documentação que permite reconstituir a história de uma família, cujos elementos se enquadram na sociedade cortesã de finais do Antigo Regime – reinado de D. Maria I e regência/reinado de D. João VI – até à Revolução Liberal.

O artigo de José Carlos Peixoto "Obras no Mosteiro de Tibães, 1654 a 1661" começa por fazer uma brever síntese das fases por que passou o edifício do mosteiro ao longo da história. Aborda a sua fundação, no séc.VI, seguindo-se a refundação românica, no séc. XI, a ampliação no séc. XVI, as transformações que se verificaram por influência do barroco nos séculos XVII e XVIII, as consequências que tiveram a expulsão dos religiosos e abandono do edifício. O artigo concentra-se, principalmente, no último período da construção que decorreu entre 1654 e 1661. Podemos encontrar dados muito interessantes sobre os materiais utilizados, os preços, os gastos com mão de obra, os nomes de mestres pedreiros e oficiais, aparelhadores, assentadores, carpinteiros, carreteiros de pedra e até de boieiros. Afinal, todos contribuiram a seu modo para a edificação de um dos mais importantes monumentos da arquitetura portuguesa.

José de Sepúlveda de Macedo, no artigo "Braga e a mudança liberal" analisa as reações políticas e sociais provocadas na cidade pela revolução liberal, especialmente as lutas entre liberais e absolutistas. Adverte que o clero era o principal sustentáculo destes últimos, porque tinha viva consciência de que a vitória liberal poderia conduzir à redução dramática da sua influência económica e cultural. E é este receio do clero que explica boa parte das razões que fizeram de Braga o principal centro da reação absolutista, como se pode confirmar pelos episódios da Maria da Fonte e

da Patuleia. Para a análise deste período, utiliza-se como principal fonte de informação o manuscrito intitulado "Memórias de Braga", cujo autor tinha sido nomeado arquiteto camarário numa das vereações do absolutismo. Chamava-se João Baptista Vieira Gomes e era mais conhecido pelo nome de Dr. Chasco.

Chamamos ainda a atenção do leitor para a excelente recensão de José Carlos Rodrigues à obra 18 olhares sobre André Soares I e II, *coordenada por Eduardo Pires Oliveira, conjunto de ensaios de alto nível sobre o grande riscador bracarense. A publicação visou assinalar os 300 anos do nascimento e 250 da morte do grande mestre do Rococó português. Nós próprios já tínhamos elaborado uma recensão, necessariamente mais breve, no volume LXIX, ano de 2021, pág. 470, da nossa revista.*

Por fim, António Silva-Araújo, José Rui Santos e Armando Malheiro Dias apresentam um breve, mas interessante artigo no qual, baseados em novos dados, confirmam a atribuição de um anel sigilar real de ouro ao príncipe D. Afonso de Portugal, filho de D. João II, neto de D. Afonso V e genro dos Reis Católicos de Espanha, consideranto tal atribuição concludente e definitiva.

Julgamos que o presente número da revista Bracara Augusta, *pela diversidade dos temas e pela qualidade científica dos artigos, contribuirá, como sempre tem acontecido, para melhor conhecimentos da história e da cultura da cidade e da região, num âmbito cronológico que abarca essencialmene o período que vai do século XVIII até aos nossos dias.*

Como sempre fazemos, aqui deixamos o nosso reconhecimento a quantos contribuiram, em período tão difícil da vida coletiva, para a edição de mais este número. A todos, muito obrigado.

Luís da Silva Pereira